



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A Aplicação dos Elementos Morfológicos nos Exercícios de Projeto Urbano: Referências e Reflexões

The Application of Morphological Elements in Urban Design Exercises: References and Reflections

La Aplicación de Elementos Morfológicos en Ejercicios de Diseño Urbano: Referencias y Reflexiones

SILVA, Raquel Egídio Leal e (1)

(1) Arquiteta, Professora Mestre do Instituto Federal de Brasília – IFB, Coordenadora Auxiliar do Curso Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista – UNIP Brasília, doutoranda Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil; email: raquelegidio@hotmail.com

A Aplicação dos Elementos Morfológicos nos Exercícios de Projeto Urbano: Referências e Reflexões

The Application of Morphological Elements in Urban Design Exercises: References and Reflections

La Aplicación de Elementos Morfológicos en Ejercicios de Diseño Urbano: Referencias y Reflexiones

RESUMO

O ensaio analisa em que medida os alunos de arquitetura e urbanismo, na primeira experiência em projetar espaços abertos, buscam a referência e a qualidade dos elementos morfológicos das cidades de origem de suas universidades, a partir dos contextos da CESUMAR – Maringá e UNIP – Brasília. Exploram-se as influências das feições urbanísticas cotidianas dos estudantes para o exercício de concepção projetual, a considerar que Maringá possui o traçado original baseado na cidade-jardim, e Brasília expressa o desenho modernista. Como resultando, constatou-se a reaplicação dos elementos morfológicos das cidades de referência, cristalizada como pedra de toque do repertório diacrônico. Entretanto, as referências ocorrem de forma simbólica, sem avançar para o debate a respeito da qualidade dos espaços projetados.

PALAVRAS-CHAVE: exercício de projeção, cidade-jardim, cidade modernista, elementos morfológicos

ABSTRACT

This essay aims to verify the extent to which the students of architecture and urbanism, in the first experience to design open spaces, seek for the references and the quality of the morphological elements of their universities home cities, based on CESUMAR – Maringá and UNIP – Brasília contexts. The influences of the students' everyday urban features to the exercise of projectural conception are explored, considering that Maringá has the original outline based on a garden city, and Brasília expresses the modernistic design. As a result, it was found that the reapplication of the morphological elements of the city of reference, crystallized as a touching stone of the diachronic repertoire. However, the references occur in a symbolic way, without advancing to the debate concerning the quality of the projected spaces.

KEY-WORDS: projecting exercise, garden city, modernistic city, morphological elements

RESUMEN

El ensayo busca verificar en que medida los alumnos de arquitectura y urbanismo, en su primera experiencia para proyectar espacios abiertos, buscan la referencia y calidad de los elementos morfológicos de las ciudades de origen de sus universidades, a partir de los presupuestos del CESUMAR – Maringá y UNIP – Brasília. Se exploran las influencias de las expresiones urbanísticas cotidianas de los estudiantes en el ejercicio proyectual, considerado la ciudad de Maringá con un diseño original con base en la ciudad-jardín, y Brasília con un diseño modernista. En los resultados se ha verificado la réplica de los elementos morfológicos de las ciudades de referencia, cristalizada en una piedra de toque del repertorio diacrónico. Mientras, las referencias ocurren de forma simbólica, sin avanzar en el debate respecto de la calidad de los espacios proyectados.

PALABRAS-CLAVE: ejercicio proyectual, ciudad-jardín, ciudad modernista, elementos morfológicos

1 INTRODUÇÃO

A inquietação do artigo nasce da experiência docente em duas cidades: uma com características do urbanismo “tradicional”, associada às experimentações da cidade-jardim, e outra modernista. Percebia-se empiricamente que, quando ministradas disciplinas que envolviam projetos urbanos, era recorrente a releitura dos elementos morfológicos preexistentes da cidade de origem dos *campi* das universidades e sua reaplicação nos exercícios de projetos.

As cidades de referência para o debate são Maringá (PR) e Brasília (DF). Maringá foi fundada 1947 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e projetada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, seguindo os princípios da “Cidade-Jardim” de Howard (REGO, 2009). Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960 pelo Governo Federal e teve o projeto escolhido por meio de concurso público, conforme a solução do urbanista Lúcio Costa (KOHLSORF, p: 02).

Para a pesquisa, foram analisados projetos dos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR e da Universidade Paulista – UNIP (*campus* de Brasília). Os alunos das duas universidades estudadas tinham em comum o fato de cursarem a primeira disciplina de projeto urbano em espaços abertos, portanto ainda apresentavam, grosso modo, reduzido repertório tanto técnico quanto de história urbana.

Os esforços concentraram-se em identificar os elementos morfológicos comuns aos projetos discentes analisados, procedendo a leitura pela forma e pelo modo como se estruturam nas diferentes escalas. Presumia-se que os pensamentos que conceberam as cidades de referência – Maringá e Brasília – de alguma maneira emergiam e dominavam a concepção e o partido urbanístico.

Para a análise, a investigação baseou-se na comparação dos seguintes elementos estruturadores do espaço: (1) o *traçado*, sendo este uma das feições mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de projetar (LAMAS, 2010, p: 98); (2) *a rua*, enquanto item estruturante da hierarquia dos traçados e das escalas da forma urbana (LAMAS, 2010, p: 100); (3) *a praça*, como foco de atividades no coração de alguma área “intensamente” urbana (ALEX, 2008, p: 23); (4) *áreas verdes* (ou livres), de modo a identificar a relação dos espaços vazios e edificados; e o (5) *morar*, considerando o tipo das edificações e como eles se agrupam.

Buscou-se, consoante a exploração dos elementos anteriores, compreender as lógicas urbanas que a cidade-jardim e a cidade modernista atribuem aos elementos mínimos da forma urbana. Na sequência foram analisados os projetos dos alunos e discutiu-se a apropriação, ou não, dos elementos morfológicos, o que subsidiou um conjunto de reflexões a respeito da experiência.

A pesquisa sobre os elementos mínimos da forma urbana foi constituída por levantamentos bibliográficos. A análise das lógicas urbanas foi desenvolvida com base nas bibliografias conceituais das cidades projetadas – cidade-jardim por Howard e cidade modernista por Le Corbusier, e os resultados projetuais investigados nas cidades de Maringá e Brasília. Os projetos foram cedidos pelos alunos, para uso neste ensaio.



2 LÓGICA URBANA

O objetivo deste item é verificar como foram entendidos os elementos morfológicos dentro dos preceitos da cidade-jardim e sua aplicação em Maringá – PR, e da cidade modernista e sua materialização em Brasília – DF.

CIDADE-JARDIM *por Maringá*

“Ebenezer Howard” foi o criador da cidade-jardim. Idealizada como resposta aos problemas enfrentados pelos assentamentos urbanos do final do século XIX – questões sociais (trabalhista) de e higiene (saúde) – a cidade-jardim era uma proposta inovadora que buscava unir os atrativos (imãs) da cidade e do campo, tendo como resultado *uma nova vida, uma nova civilização* (HOWARD apud CHOAY, 2010, p: 220).

“MUMFORD” (1982, p: 560) ressalta que:

O significativo, com relação à cidade-jardim, não era a simples presença de jardins e espaços abertos: radicalmente novo era o método racional e ordenado de tratar da complexidade, mediante uma organização capaz de estabelecer o equilíbrio e a autonomia e de manter a ordem, a despeito da diferenciação, e a coerência e unidade, a despeito da necessidade de crescimento. Essa é que era a ideia transformadora.

No início do século XX, a cidade-jardim tornou-se um modelo internacional de planejamento, ultrapassando os limites da Grã-Bretanha e alcançado novos destinos, ainda que isso implicasse certa diluição de seus ideais e certa variação de sua fórmula (WARD apud REGO, 2009, p: 148).

O conceito chega ao Novo Mundo e o projeto da cidade de Maringá, no interior do Paraná, apresenta na gênese de seu traçado, sinais da concepção urbanística das cidades-jardins (AMARO apud DIAS, 1999, p: 409). A cidade foi projetada pelo engenheiro urbanista Jorge de Macedo Viera, familiarizado com as ideias do urbanismo inglês devido ao envolvimento em alguns projetos de bairros jardim na cidade de São Paulo, trabalhando junto com Barry Parker.

O Traçado

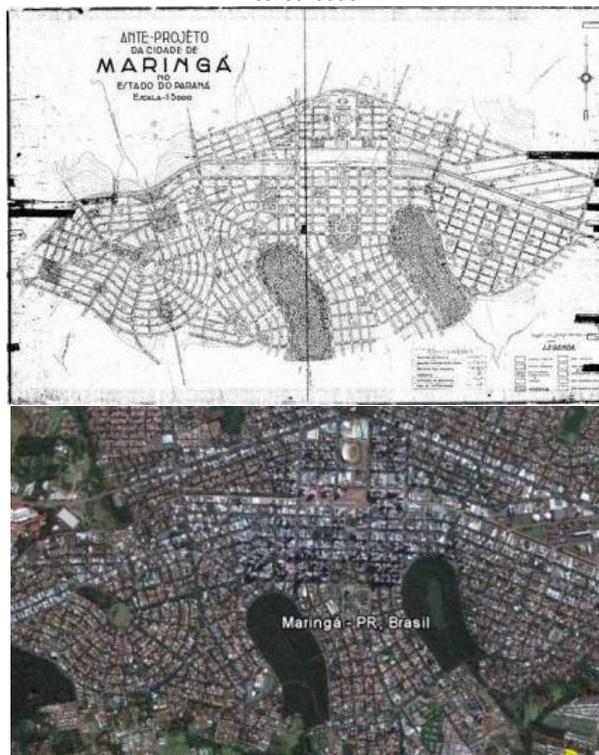
“O traçado da cidade é simples, claro e informal, distanciando-se de configurações geométricas rigorosas de tradição clássico-renascentista”, descreve HOWARD (1996, p:47) referindo-se a Letchworth. É este traço informal, distante da geometria incisiva, somado à consideração da topografia local, que resultou em tramas orgânicas e linhas suaves que acompanhavam o desenho do terreno.

Para Maringá, REGO (2009, p:184) descreve a implantação da nova cidade:

[...] foi implantada ao longo da linha férrea em ponto relevante do sítio e também apresentou a separação usual entre a praça central e aquela criada diante da estação. Uma vez mais fez notar a afinidade do artifício urbano com o sítio natural, e a identidade da forma urbana construída a partir das características topográficas. Porém, empregou-se em Maringá o desenho orgânico mesclado regularidade e irregularidade no traçado das vias e no formato das quadras, de acordo com o interesse estético, a necessidade técnica e a demanda topográfica [...] A qualidade espacial entrevista neste projeto urbano também é outra grandeza. A boa relação com o sítio e com as nascentes, os dois parques atuando como os pulmões da cidade, enfim, o entrosamento com a natureza também são notáveis”. (grifo dos autores).

O traçado de Maringá é marcado por linhas regulares no sentido leste – oeste, e linhas sinuosas no sentido norte – sul (acompanhando o desenho dos parques), conforme o anteprojeto de 1945 e a imagem do projeto consolidado (Fig. 01).

Figura 01 – Anteprojeto de Jorge de Macedo Vieira para Maringá, datado de 1945 (em cima). Embaixo, imagem do traçado original consolidado.



Fonte: < <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/55/Figura2.jpg> > e *software* Google Earth, consultado em abril de 2014.

A Rua

A rua é concebida por meio da hierarquização dos espaços urbanos: a) uma grande avenida, com jardins e espaços arborizados, a qual receberia as escolas, quadras de jogos e igrejas; b) bulevares arborizados que ligariam o centro ao ambiente rural; c) uma avenida comercial que ligaria a ferroviária à praça central; e d) vias concêntricas para a área residencial (HOWARD, 1996, p: 41).

Para o idealizador, as avenidas delimitariam o que passaria futuramente a ser conhecido como unidade de vizinhança. O projeto de Vieira, para Maringá, também foi marcado pela hierarquização das vias, uma vez que foram criados a Avenida “de Comércio”, unindo a estação ferroviária à praça central (Fig. 02), “bulevares” que irradiam da Praça Central, e outras estruturantes do espaço urbano (Fig. 03), assim como vias concêntricas para abrigar as residências (Fig. 03).

Figura 02 – “Avenida de Comércio” unindo a Estação Ferroviária – parte inferior da foto, à Praça Central (1968). À direita, vista da mesma Avenida para Estação Rodoviária.



Fonte: Acervo Museu da Bacia do Paraná.

Figura 03 – À esquerda, bulevar que irradia da Praça da Catedral. À direita, zona residencial: ruas concêntricas .



Fonte: Google Imagens e Google Earth, consultado em março de 2014.

A Praça

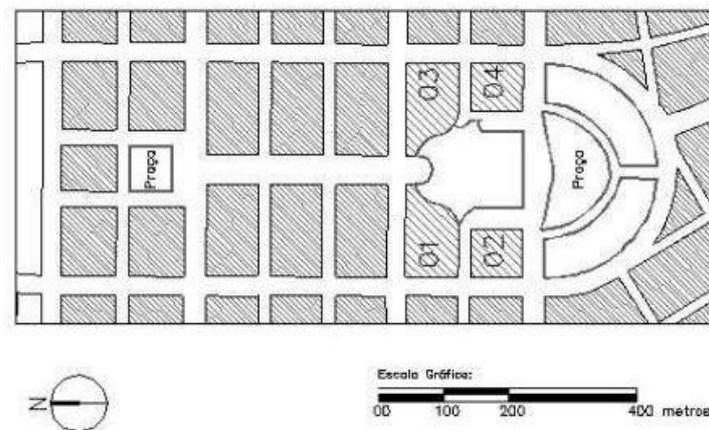
A Praça é entendida como local central, de encontro. Entretanto, HOWARD (1996) desmembra tal centralidade em dois momentos: na Praça da Ferroviária, que abriga quem chega ou espera, e a Praça Central com um grande jardim e “ao redor deste ficam os grandes edifícios públicos: sede da Câmara Municipal, sala de concerto e leitura, teatro, biblioteca, museu, galeria de arte e hospital” (HOWARD, 1996, p: 41). O modelo foi reproduzido em Maringá, conforme apontam as figuras 04 e 05. As duas praças seriam unidas pela Avenida do Comércio.

Figura 04 – Praça da Estação Ferroviária. À direita, Praça Central alocando a igreja.



Fonte: Acervo Museu da Bacia do Paraná.

Figura 05 – Maringá, Praça da Estação Ferroviária a Norte e Praça Central a Sul. (01) Prefeitura, (2) Câmara dos Vereadores; (3) Correios e (4) Fórum de Justiça.



Fonte: Raquel Silva.

As Áreas Verdes

HOWARD (1996) acreditava que a forma de implantação das casas, isoladas nos lotes com jardins frontais, assim como a continuidade de espaços livres verdes pela cidade, tornariam o assentamento agradável e convidativo. Este seria o principal atrativo em se habitar uma cidade-jardim. Derivado das premissas fundadoras, Maringá orgulha-se de ser uma das cidades com maior índice de arborização do país, observadas nas áreas de parques (Fig. 01) e ao longo das vias (Fig. 03).

O Morar

As casas estariam ao longo das avenidas em terrenos próprios e espaçosos. Em blocos isolados entre si, recuados do alinhamento do terreno, como jardins fronteiros e passeios gramados. Os setores residenciais, segundo HOWARD *apud* CHOAY (2010, p: 222), referindo-se a Letchworth, estariam dispostos em forma de anéis concêntricos, dando frente para avenida ou ao longo dos bulevares e das vias que convergem em sua totalidade, para o centro da cidade. No projeto para Maringá repete-se o modelo (Fig. 01 e 03)

CIDADE MODERNISTA POR BRASÍLIA

Mais que as “simples” aspirações da Carta de Atenas – habitar, trabalhar, recrear-se e circular –, Brasília segue a corrente das cidades *corbusieirianas* a partir de uma solução que se baseia na classificação das funções urbanas, multiplicações dos espaços verdes, criação de protótipos funcionais e racionalização do habitat coletivo (CHOYA, 2010, p: 183).

Brasília, destinada a capital nacional, nasce a partir de um concurso público, de 1957, sendo o projeto vencedor de autoria do urbanista Lúcio Costa. O projeto segue, mesmo que tardia, as regras do modernismo sintetizadas por Le Corbusier.

O Traçado

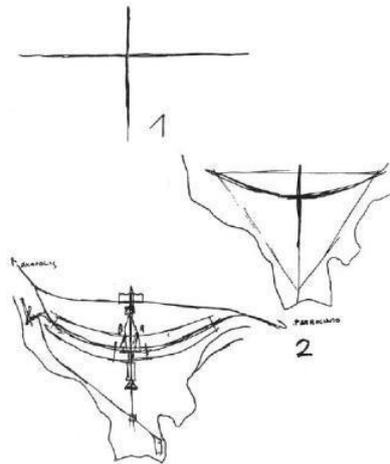
Para o traçado da cidade moderna LE CORBUSIER *apud* CHOAYA (2010, p: 188), descreve:

Ora, uma cidade moderna vive praticamente de linhas retas; construções dos imóveis, dos esgotos, das canalizações, das ruas, das calçadas, etc. a circulação exige a linha reta. A reta é sadia também para alma da cidade. A curva é prejudicial, difícil e perigosa; ela paralisa.

Enfatizando a linha reta, Lúcio Costa, no Relatório do Plano Piloto, explica o traçado de Brasília:

Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal-da-cruz. Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas [...] (grifo dos autores)

Figura 06 – Nascimento de Brasília, por Lúcio Costa.



Fonte – Relatório do Plano Piloto de Brasília.

A Rua

A rua ganha um novo conceito: “o urbanismo abandonará a ‘rua-corredor’ atual e, graças a uma nova distribuição de espaços, criará numa escala muito ampla uma nova sinfonia arquitetônica” (LE CORBUSIER *apud* CHOAY, 2010). Justificando a dinamização dos comércios a partir do adensamento em altura e reduzindo os espaços ocupados por vias, o deslocamento passa a ocorrer em passarelas curtas entre espaços verdes. Contudo, verifica-se novamente a hierarquização das vias.

A Praça

No Relatório do Plano Piloto, COSTA (1957) descreve as praças autônomas – Três Poderes e da Catedral, que agregam as características da praça modernista: como bem define ALEX (2008), as áreas são utilizadas como *foyers* para a arquitetura modernista. Todavia, como local de encontro, o idealizador esclarece a relevância da área próxima à Rodoviária do Plano Piloto:

Previram-se [...] duas amplas praças privativas dos pedestres, uma fronteira ao teatro da Ópera e outra, simetricamente disposta, em frente a um pavilhão de pouca altura debruçado sobre os jardins do setor cultural e destinado a restaurante, bar e casa de chá. (COSTA, 1957)

Na Brasília real não há a casa de chá e o teto das plataformas subterrâneas não virou o aeroporto para taxis aéreos, como idealizou LE CORBUSIER *apud* CHOAY (2010, p: 193-194). Entretanto, é o lugar de encontro de vias e pessoas, intensamente vivo.

Figura 07 – Rodoviária do Plano Piloto.



Fonte: Google Imagens, consultado em março de 2014.

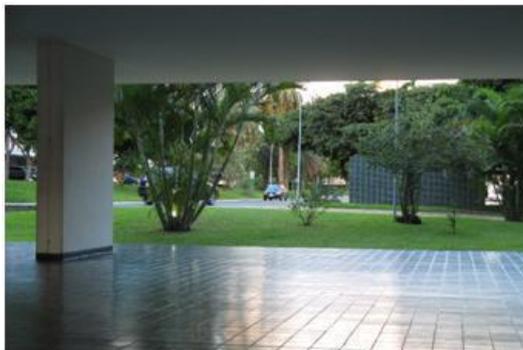
Áreas Verdes

As áreas verdes também são entendidas além das áreas de parques. LE CORBUSIER apud CHOAY (2010, p: 193) defende que a cidade nova deve aumentar a densidade ampliando consideravelmente as áreas plantadas. Para assegurar esta densidade, as habitações teriam alturas semelhantes, ocupando apenas uma pequena parte do solo:

Na unidade de habitação de Le Corbusier, o lote deixa, por assim dizer, de existir, uma vez que o edifício não ocupa o solo definido pela projeção vertical. Assenta em pilares que saem de um terreno público, como público é todo o espaço circundante (LAMAS, 2010, p: 86).

FIGUEROA (2006) destaca ainda que os edifícios sobre *pilotis* oferecem a conquista do espaço público contínuo, como pode ser constatado em Brasília, na Fig. 08.

Figura 08 – Permeabilidade: espaço privado e público, Brasília.



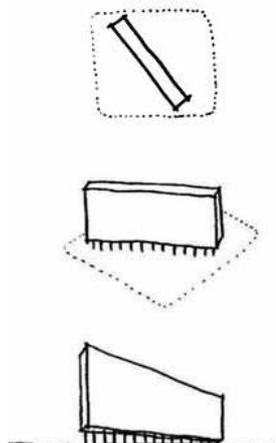
Fonte: Acervo Éderson Teixeira (2011).

O Morar

Morar é um dos preceitos basilares da Carta da Atenas e, para FIGUEROA (2006), pode-se considerar a respeito do tema que a:

Síntese do pensamento arquitetônico-urbanístico de Le Corbusier, a “Unité d’Habitation”, representa muito mais uma crítica a cidade herdada do que propriamente uma ruptura em relação a cidade tradicional. A substituição da quadra pela unidade habitacional representa a crítica à “rue corridor”, ao parcelamento fundiário e às condições insalubres das habitações urbanas. A “Unité” representa para Le Corbusier o elemento morfológico catalisador das novas cidades (FIGUEROA, 2006).

Figura 09 – Croqui de edifício sobre *pilotis*.

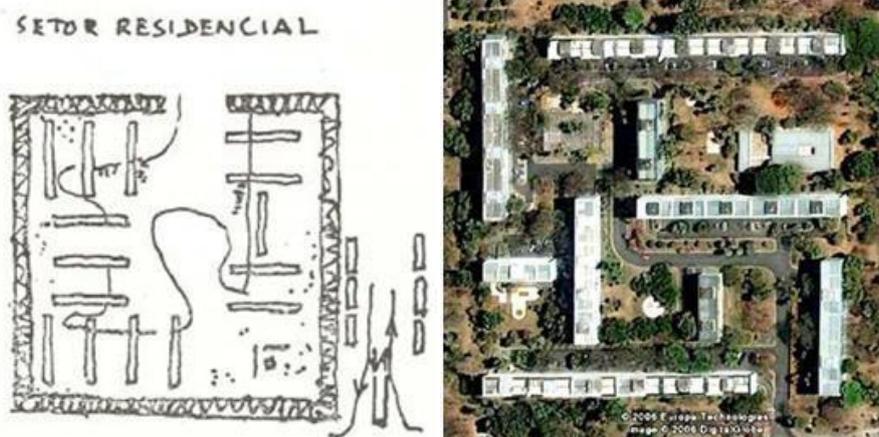


Fonte: FIGUEROA (2006).

“COSTA” (1957), por outro lado, descreve em seu projeto para Brasília:

Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma sequência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem.

Figura 10 – Setor residencial (croqui de Lucio Costa) e imagem do Google Earth.



Fonte: Relatório do Plano-Piloto de Brasília e Google Earth, consultado em 2010.

3 ANÁLISE DOS PROJETOS

Neste item serão apresentados os projetos dos alunos conforme o contexto disposto, a considerar as premissas discutidas no item anterior a respeito dos elementos morfológicos eleitos para análise em Maringá e Brasília.

CESUMAR – Centro Universitário de Maringá: Projeto Urbano

Contexto

A disciplina de Projetos Urbanos foi ministrada ao quarto ano do curso de arquitetura e urbanismo, com o objetivo geral de desenvolver a capacidade de elaboração de projetos de intervenção na escala urbana. A proposta considerou o desenvolvimento de um bairro, no qual fossem observados o contexto da cidade de Maringá, a legislação pertinente à intervenção e os condicionantes locais.

A área proposta localizava-se nas proximidades do CESUMAR, adjacente à região central – traçado original, compreendendo a gleba do antigo aeroporto da cidade.

Figura 11 – Área de intervenção.

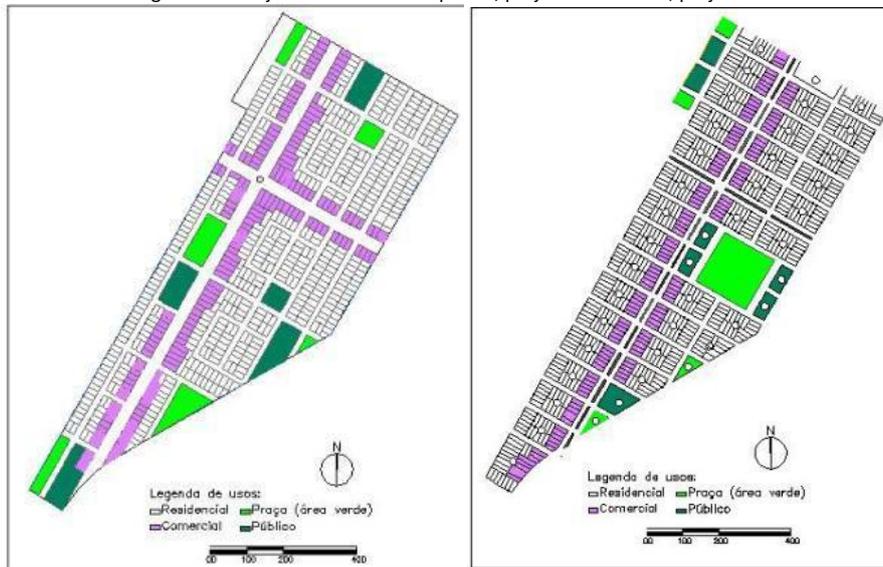


Fonte: Google Earth, consultado em 2014.

Resultados

Para análise dos resultados, foram considerados dois projetos cedidos pelos alunos, produzidos em equipes compostas por 03 integrantes cada. Os projetos das alunas Ana Paula, Camila e Mariana será tratado como projeto 1, enquanto aquele dos alunos Aline, Allan, e José Luiz será assumido como projeto 2. A seguir, os resultados alcançados pelos alunos.

Figura 12 – Projeto do bairro. À esquerda, projeto 1. À direita, projeto 2.

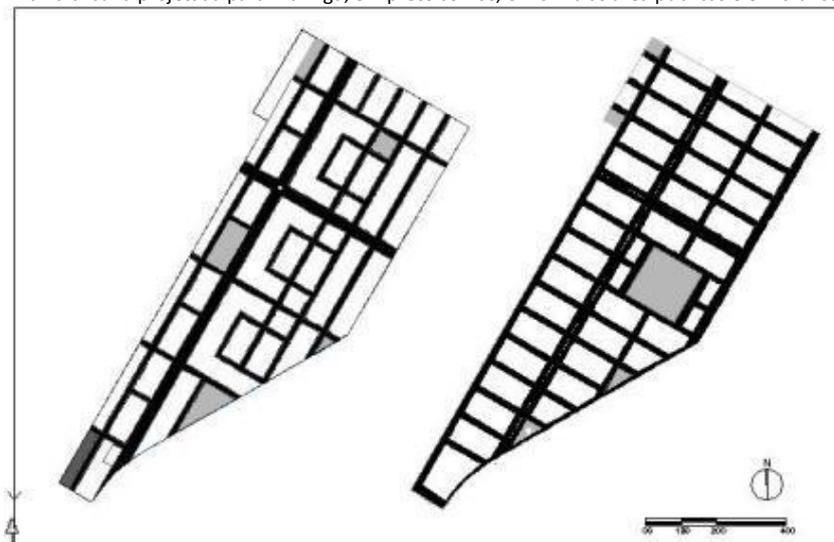


Fonte: Acervo dos autores.

O traçado

Os dois projetos adotam o traçado ortogonal, marcando a definição dos quarteirões, um instrumento operativo de produção da cidade tradicional (LAMAS, 2010, p: 88).

Figura 13 – Malha urbana projetada para Maringá; em preto as vias, em cinza as área públicas e em branco as quadras.



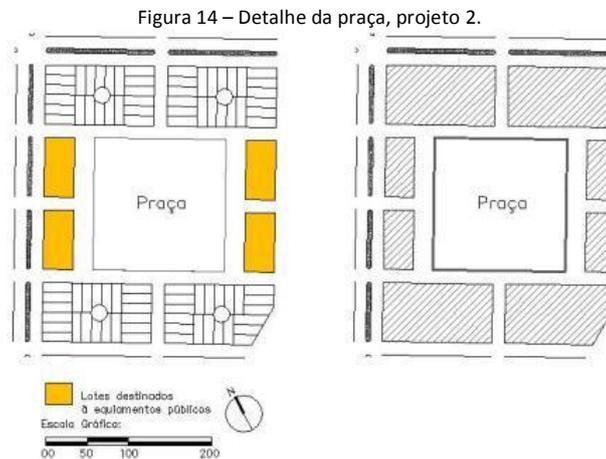
Fonte: Acervo dos autores.

A Rua

Nos dois projetos há definição da hierarquia viária. Destaca-se o projeto 1, no qual se verifica a utilização da quadra aberta, desenhada por uma via local, e ainda vias secundárias (coletoras) e as vias principais que se conectam com as vias do entorno. A proposta atribui espaços com menor circulação de veículos e pessoas, apesar de confrontar diferentes usos na mesma quadra.

A Praça

No projeto 2 observa-se a intenção da praça tradicional, na qual “*pretende ser um foco de atividades no coração de alguma área intensamente urbana*” (LYNCH *apud* ALEX, 2008, p:23).



Apesar da sua localização destacada do centro geométrico, a quantidade de ruas que convergem para esse espaço e a previsão de equipamentos públicos fomentam as atribuições enquanto praça central da cidade tradicional.

O projeto 1 não contém uma praça central, predominando vazios sem clara demarcação de uso.

Áreas Verdes

Com exceção da praça mencionada no item anterior, os espaços verdes e livres são projetados – por exigência legal, entretanto, de forma descontínua e não estão relacionados com os demais elementos e formas urbanas.

O Morar

O espaço de morar é delimitado pela hierarquia das vias. As habitações são definidas consoante a tipologia de residências unifamiliares por lote, modelo repetido em cada quadra.

UNIP – Universidade Paulista: Projeto Urbano e Paisagismo

Contexto

A disciplina, cursada no quinto semestre do curso de arquitetura, teve como objetivos gerais: (a) desenvolver a capacidade de elaboração de projetos de intervenção na escala de um bairro; (b) trabalhar de modo integrado com a disciplina de Projeto Arquitetônico, que trataria de conjuntos habitacionais; (c) desenvolver conceitos metodológicos projetuais; e (d) realizar análise física, ambiental e cultural do bairro e da área de intervenção.

O exercício assumia como proposta o desenvolvimento de um bairro, no qual considerasse as escalas propostas para Brasília, e as condicionantes locais. O projeto deveria ser desenvolvido até a fase de anteprojeto.

Similarmente à situação em Maringá, a área proposta para intervenção localizava-se adjacente ao *campus* UNIP, não havendo legislação específica vigente.

Figura 15 – Área de intervenção.

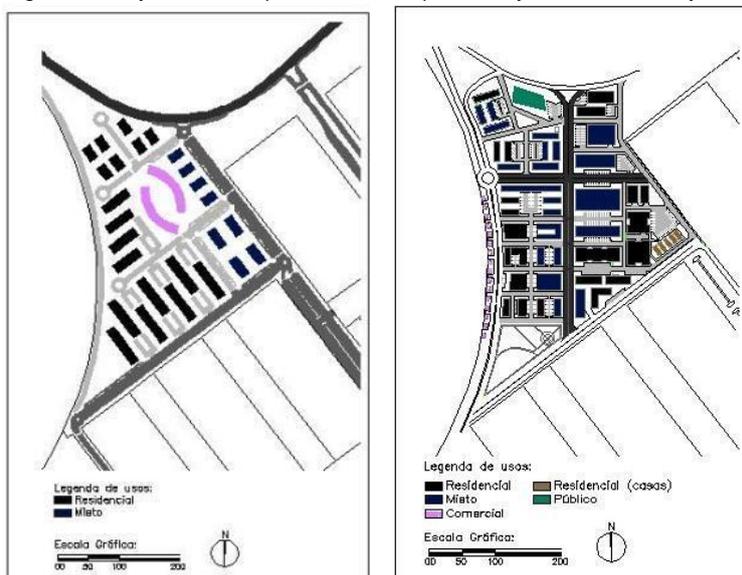


Fonte: Google Earth, consultado em 2014.

Resultados

Para análise dos resultados, foram considerados dois projetos produzidos em equipes compostas por 04 alunos cada. O projeto dos alunos Leulina, Luiz Eduardo, Marta e Simone será tratado como projeto 3, e o projeto dos alunos Fábio, Suzana, Tiago e Wellington será tratado como projeto 4. A seguir, os resultados alcançados pelos alunos.

Figura 16 – Projeto do bairro para Brasília; à esquerda, Projeto 3, à direita, Projeto 4.



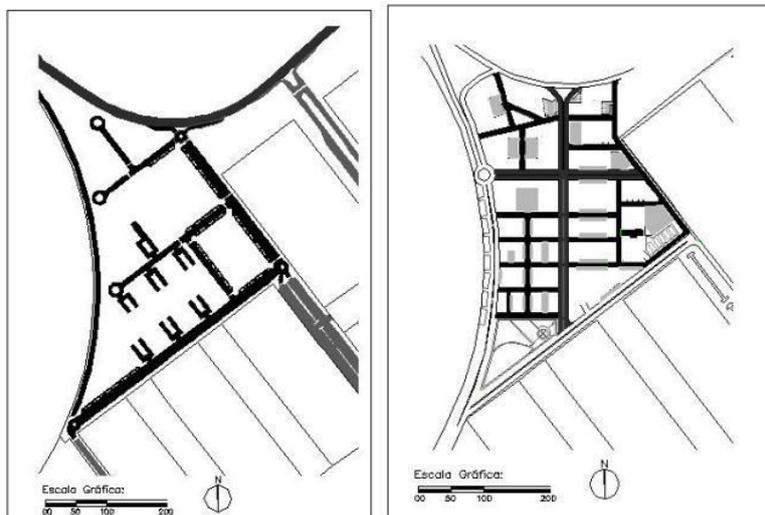
Fonte: Acervo dos autores.

O traçado

Nos projetos 03 e 04 pode-se verificar que foram adotados diferentes “gestos de projetar”. O projeto 3 assume os conceitos da rua do movimento moderno: nega-se a rua! Não há rua “alimento” e os edifícios comerciais são locados no centro do projeto (Fig. 20). A proposta 4,

por sua vez, fornece a retomada da rua, segundo uma malha definida formada pelo traçado ortogonal.

Figura 17– Malha urbana projetada para Brasília; em preto as vias, em cinza as área de estacionamento e em branco as áreas públicas.



Fonte: Acervo dos autores.

A Rua

Para as ruas são atribuídas hierarquias. No projeto 3 são pensados “*cul-de-sac*” para área residencial, e são negadas as vias de acesso ao comércio. No projeto 4, da malha nascem áreas de estacionamentos, assim como estão presentes no desenho de Brasília.

A Praça

As praças não acontecem nem como *foyer* dos edifícios públicos, nem como área de convergência ou encontro. No projeto 4 a praça se apresenta como desenho de piso, sem limitar-se por vias ou edifícios.

Áreas Verdes

No projeto 3 o vazio é mais evidente, mas nos dois casos a adoção dos *pilotis* nos edifícios forneceu maior permeabilidade do espaço. Porém, com exceção das projeções e das áreas residuais, não foram definidas áreas verdes.

O Morar

Foram utilizados os modelos verticais sobre *pilotis*, entretanto a implantação dos blocos residenciais apresenta-se disciplinada e paralela, resultando em espaços homogêneos.

4 REFLEXÕES

No processo de projeção proposto aos alunos do curso de arquitetura e urbanismo aqui estudado, além dos desafios de compreensão da área de intervenção e seu entorno, atendimento a legislação vigente, ao programa solicitado e às normas de representação técnica, instigou-se os grupos para a obtenção dos primeiros resultados projetuais em escala

urbana (a despeito do reduzido repertório tanto técnico quando em história das cidades). Sobre os exercícios analisado, observou-se que:

Os projetos dos alunos de Maringá – cidade projetada baseada nos princípios da cidade-jardim – revelam a opção por um traçado regular, que apesar de seguir o desenho da cidade tradicional (trama ortogonal e linhas retas), lançam mão das possibilidades projetuais do desenho orgânico e sua integração com a topografia e áreas verdes. A praça que abrigaria quem chega ou espera não é observada nos projetos desenvolvidos, todavia há a leitura da Praça Central no projeto 2, concentrando ao seu redor os edifícios públicos. Entretanto, as vias que chegam à praça são secundárias, perdendo a possibilidade de bulevares conduzirem os moradores a esse espaço (praça) de uso coletivo e centralizador. As áreas verdes apresentadas nos projetos dos alunos se revelam em formas geométricas rígidas remanescentes da trama que prioriza a quadra, e assim o lote.

Os projetos desenvolvidos em Brasília – cidade projetada baseada no modernismo – mantiveram a linha reta no traçado da malha, apesar de não considerar a topografia. As propostas utilizaram a hierarquia viária de modo geral, entretanto não projetaram vias de acesso ao comércio, por exemplo. Os espaços de encontro foram reproduzidos da cidade vivida conforme a disposição dos *pilotis*, todavia não se integraram a outros elementos coletivos como as praças ou áreas verdes, como vivenciados nas superquadras de Brasília.

Os produtos aqui estudados foram produzidos na primeira disciplina da grade curricular que propunha a projeção de espaços urbanos abertos, somando-se ao baixo repertório dos alunos, conduziram à elaboração de projetos que “reliam” os espaços experimentados no cotidiano. Os trabalhos resultaram em projetos que utilizavam como referência os elementos da forma urbana das cidades vivenciadas, entretanto, reproduzindo-os de forma simbólica sem a compreensão da lógica urbana original. Assim, em linhas gerais, as iniciativas não configuram qualidade aos espaços projetados.

5 CONCLUSÕES

Com a vivência docente aplicada nos exercícios analisados por este artigo, e em experiências posteriores, pode-se concluir que:

1 – É frágil o processo de formação dos alunos, numa perspectiva ampla, a despeito da qualidade do projeto pedagógico dos cursos e do suporte docente (apesar de falhas). A análise crítica discente é pouco desenvolvida, e também pouco instigada em alguns casos: o cenário convida à simples reprodução de modelos que são dados como “certos”.

2 – É notória a dificuldade discente em relacionar as diferentes disciplinas do curso, por exemplo, os conhecimentos de Conforto Ambiental, Topografia e Teoria e História da Arquitetura, para desenvolver o partido projetual.

3 – Muitas vezes a leitura da cidade que integra o cotidiano do aluno e a falta de conhecimento de outros cenários produz uma perspectiva restrita dos modelos morfológicos e de sua correspondente qualidade (ausência de repertório).

4 – A discussão da qualidade do espaço parece ser comprometida pela composição estética – ainda predominante. Parece faltar uma perspectiva comparada clara, a partir inclusive da própria vivência do aluno, para tomar as decisões considerando em que medida as soluções de forma-espaço afetarão a dinâmica local.



REFERÊNCIAS

- ALEX, Sun. *Projeto da Praça: convívio e exclusão do espaço público*. São Paulo: Senac, 2008.
- CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- COSTA, Lucio. *Relatório do Plano – Piloto de Brasília*. Brasília: 1957.
- DIAS, R. B., GONÇALVES, J. H. R. *Maringá e o Norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EdUEM, 1999.
- HOWARD, Ebenezer. *Cidades-jardins de Amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FIGUEROA, Mario. *Habitação coletiva e a evolução da quadra*. Portal Vitruvius: Arqtextos. n. 069. Fev. 2006.
Disponível em: www.vitruvius.com.br, consultado em dezembro de 2010.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. *Brasília: Permanências e Metamorfoses*.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. *Ensaio sobre o pensamento urbanístico*. Brasília: UNB, 1996.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calustre Gulbenkian/JNIC, 2010.
- MUMFORD, L. *A cidade na história suas origens, transformações e perspectiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PLANO DE ENSINO _Projeto Urbano 4º Ano – CESUMAR 2008.
- PLANO DE ENSINO _Projeto Urbano e Paisagismo 4º Semestre – UNIP 2010.
- REGO, Renato Leão. *As cidades plantadas: os britânicos e a construção da paisagem do Norte do Paraná*. Londrina: Editora Humanidades, 2009.
- CD _ Acervo de fotos históricas de Maringá. Museu da Bacia do Paraná: 2009.